

LETRAMENTO LITERÁRIO EM AMBIENTE VIRTUAL: TRAÇANDO O PERFIL DOS PRINCIPAIS *BOOKTUBERS* DO BRASIL

LITERARY LITERACY IN A DIGITAL ENVIRONMENT: CREATING THE PROFILE OF THE MAIN BOOKTUBERS IN BRAZIL

Karlucy Farias de Sousa¹
Mestre em Linguística Aplicada
Universidade Estadual do Ceará
(karlucy.farias@aluno.uece.br)

Viviane Aires Araújo²
Graduada em Letras - Português
Universidade Estadual do Ceará
(viviane.aires@aluno.uece.br)

RESUMO: É impossível dissociar a tríade escrita, literatura e leitura, uma vez que o desenvolvimento da escrita (e conseqüentemente da leitura) foi diretamente responsável pelo surgimento da literatura. Por sua vez, a leitura sempre esteve relacionada à apropriação, à invenção e à produção de significado, desde o rolo antigo ao códex medieval, do livro impresso ao texto eletrônico (CHARTIER, 1999). Tendo isso em vista, este artigo investigou o trabalho das três *booktubers* mais populares do Brasil (considerando o número de seguidores de seus canais na plataforma YouTube) em maio de 2020 sob a ótica de Chartier (1999), Wolf (2019) e Cosson e Paulino (2009). A pesquisa foi predominantemente qualitativa, com traços quantitativos. Em nossa análise, descrevemos a faixa etária e a formação acadêmica das *booktubers*, assim como o tempo de existência do canal, a frequência das postagens, as possíveis parcerias com editoras e livrarias, as estratégias de interação para a abordagem das obras literárias e os principais gêneros trabalhados por elas. Os conteúdos trabalhados pelas *booktubers* analisadas são variados, desde a apresentação de obras e resenhas até discussões promovidas pela interação entre produtores e usuários, o que acreditamos que contribui para o letramento literário em ambiente digital.

Palavras-chave: Letramento Literário. Ambiente Digital. *Booktubers*.

ABSTRACT: It is impossible to dissociate the writing, literature and reading triad since the development of writing (and consequently reading) were directly responsible for the emergence of literature. On one hand, reading has always been related to the appropriation, the invention and the production of meaning, from the old scroll to the medieval codex, from the printed book to the electronic text (CHARTIER, 1999). Bearing that in mind, this article investigated the work of the three most popular *booktubers* in Brazil (considering the number of followers of their channels on the YouTube platform) in May 2020 under the scope of Chartier (1999), Wolf (2019) and Cosson and Paulino (2009). The research was predominantly qualitative, with quantitative features. In our analysis, we described the age group and academic background of the *booktubers*, as well as their channels' lifespan, the frequency of their posts, their possible partnerships with publishers and bookstores, their interaction strategies for approaching literary works and the main genres selected by them. The contents worked by the analyzed *booktubers* are varied, from the

¹ Doutoranda em Linguística Aplicada – Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3967-9324>.

² Mestranda em Linguística Aplicada – Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1163-8547>.

presentation of works and reviews to discussions promoted by the interaction between producers and users, which we believe contributes to literary literacy in a digital environment.

Keywords: Literary Literacy. Digital Environment. Booktubers.

Considerações iniciais

A historiografia tradicional considera que a História teve início com o desenvolvimento da escrita, aproximadamente 4.000 anos a.C. (DIVISÃO, 2020). Muito tempo depois, há cerca de quatro mil anos, nascia a literatura (por volta de 2.000 anos a.C.). Contrariando o senso comum, ela não é destinada somente aos amantes dos livros: jamais conheceríamos muito da história da humanidade se a literatura nunca tivesse existido, uma vez que as histórias eram contadas apenas oralmente.

Puchner (2019) assevera que a literatura nasceu quando “a narração, território oral dos bardos, cruzou com a escrita, campo de diplomatas e contabilistas” (p. 54). O autor ainda destaca o papel dos textos escritos (em especial o que ele chama de “textos fundamentais³”): “eles alteram a maneira como vemos o mundo e também como atuamos nele” (p. 26). Por essa razão, podemos dizer que a história da literatura permeia a história do mundo, como o mesmo autor justifica:

[...] a história da literatura é escrita muito à luz dessa última revolução em tecnologias da escrita. Revoluções dessa magnitude não acontecem com frequência. A revolução do alfabeto, iniciada no Oriente Médio e na Grécia, facilitou o domínio da escrita e ajudou a aumentar as taxas de alfabetização. A revolução do papel, iniciada na China e prosseguida no Oriente Médio, reduziu o custo da literatura e, assim, mudou sua natureza. Também preparou o cenário para a revolução da impressão, que começou no Leste Asiático e, centenas de anos depois, se espalhou para o norte da Europa. Houve revoluções menores, como a invenção do pergaminho, na Ásia Menor, e do códice, em Roma. Nos últimos quatro mil anos, houve alguns momentos em que as novas tecnologias transformaram radicalmente a literatura. Até agora. Está claro que nossa atual revolução tecnológica está lançando para nós, a cada ano, novas formas de escrever, de e-mails e e-readers a blogs e tuítes, mudando não só o modo como a literatura é distribuída e lida, mas também como é escrita, à medida que os autores se ajustam a essas novas realidades [...] (PUCHNER, 2019, p. 20, supressões nossas).

³ Segundo Puchner (2019), os textos fundamentais “primeiro floresceram em bem poucos lugares, mas à medida que sua influência se disseminava e surgiam novos textos, o mundo se assemelhava cada vez mais a um mapa organizado pela literatura – pelos textos fundamentais que dominavam determinada região. O crescente poder desses textos pôs a literatura no centro de muitos conflitos, inclusive a maioria das guerras religiosas” (p. 16).

Para a execução da nossa proposta, é indispensável abordar nossa ótica de letramento. Segundo Cosson (2011), inicialmente, o termo “letramento” era restrito ao termo alfabetização. Todavia, considerando as diversas práticas de leitura e escrita da sociedade, esse termo passou por uma expansão que abrange diversos contextos, áreas do conhecimento e:

permitindo que novas perspectivas fossem disseminadas e velhas práticas escolares fossem revisitadas, tendo em vista que o mundo da escrita envolve necessariamente muitos objetos e práticas em nossa sociedade letrada. É assim que temos o letramento informacional, o letramento visual, o letramento digital [...] (COSSON, 2011, p. 282, supressão nossa).

O letramento literário, que surge dessa expansão, foi definido por Paulino e Cosson (2009) como um processo de apropriação da literatura, apropriação essa que vai além de uma habilidade, pois é marcada pelas experiências do leitor com o texto literário ao longo da vida, tendo em vista que “a cada evento literário de que participamos, quer de leitura, quer de produção, modificamos nossa relação com o universo literário” (COSSON, 2011, p. 283).

Ao longo do tempo, com o advento da tecnologia, as plataformas digitais, frutos da sociedade contemporânea, se tornaram suportes que promovem o letramento literário através de diversas práticas. Observando esse contexto, consideramos relevante investigar o trabalho dos três *booktubers* mais populares do país nesse momento que, a partir do que fazem com a literatura, como a apresentação das obras literárias, relatos de experiência e atividades mediadoras de incentivo à leitura, têm contribuído para promover o letramento literário nesses ambientes digitais.

Este artigo está dividido em sete seções. Após essa seção introdutória, faremos um breve panorama do papel do livro ao longo da História da humanidade. Na terceira seção, versaremos sobre a concepção por nós defendida acerca do letramento literário; na quarta, por sua vez, descreveremos a metodologia utilizada. Na quinta seção, trataremos dos *booktubers*; na sexta, apontaremos nossas conclusões. Por fim, na sétima seção, apresentaremos as referências bibliográficas dos textos que foram consultados durante a redação deste trabalho.

Revisão Bibliográfica

O livro ao longo do tempo

Puchner (2019) defende que a literatura “transformou nosso planeta em um mundo escrito” (p. 21) considerando que o advento da escrita inspirou “a ascensão e a queda de impérios e nações, o desabrochar de ideias políticas e filosóficas e o nascimento de crenças religiosas”. Nesse contexto, nas subseções a seguir, traremos inicialmente de como evoluímos de leitores a navegadores da rede; por fim, abordaremos as instigações trazidas pela leitura na era digital.

Do leitor ao navegador

Chartier (1999) nos lembra que, ao longo da História, a humanidade passou por muitas revoluções, muitas delas vividas como ameaças, mas que também criaram oportunidades e esperanças. Para exemplificar, ele indica que, desde o período dos manuscritos, os livros possuem as mesmas estruturas fundamentais: “são objetos compostos de folhas dobradas um certo número de vezes, o que determina o formato do livro e a sucessão dos cadernos, que são montados, costurados uns aos outros e protegidos por uma encadernação” (CHARTIER, 1999, p. 7). Logo, o autor aponta que há uma continuidade entre a cultura do manuscrito e a do impresso, embora, por muito tempo, se tenha acreditado em uma ruptura total entre elas.

Curiosamente, nesse contexto, a profissão de autor não surgiu concomitantemente à aparição do livro. Na Antiguidade, segundo Chartier (1999), o livro era uma longa faixa de papiro ou de pergaminho que precisava ser segurada com as duas mãos para poder ser desenrolada e lida. Logo, um autor não podia escrever enquanto lia: ele apenas podia ditar a um escriba suas reflexões (p. 24). Da Idade Média à época moderna, como as obras eram inspiradas por Deus, havia apenas escritores, não autores: tivemos escribas “de uma Palavra que vinha de outro lugar” (CHARTIER, 1999, p. 31). O mesmo autor expõe que

[a]s primeiras ocorrências sistemáticas e ordenadas alfabeticamente de nomes de autores encontram-se nos Índices dos livros e autores proibidos, estabelecidos no século XVI pelas diferentes faculdades de teologia e pelo papado (CHARTIER, 1999, p. 34).

o que comprova que a profissão de autor foi criada para identificar, censurar, perseguir e condenar os responsáveis por textos que transgrediram a ortodoxia política ou religiosa. Essa também é uma das razões para o aparecimento de autores que tentaram viver de sua pena apenas no século XVIII.

Segundo Chartier (1999), além do reconhecimento da propriedade literária, os debates do século XVIII também limitaram o prazo dessa possessão: uma vez expirado o período, a obra cai em domínio público, momento a partir do qual qualquer pessoa está autorizada a publicá-la, “enquanto, antes, o autor, ou os herdeiros, permaneciam seus proprietários exclusivos” (p. 66). O mesmo autor ressalta que, enquanto a Revolução da Imprensa de Johannes Gutenberg garantiu a multiplicação dos livros em seu tempo, no século XX essa multiplicação das tiragens foi assegurada pelos livros de bolso, que tinha como objetivo conquistar novos leitores, por serem mais acessíveis e menos caros (CHARTIER, 1999, p. 112).

Chartier (1999) ainda salienta que a cultura escrita provocou a separação entre os papéis do autor, do editor, do tipógrafo, do distribuidor e do livreiro. Nos dias atuais, graças à rede eletrônica, a produção, a reprodução e a difusão dos textos podem ser acumuladas e tornadas quase contemporâneas umas das outras, o que pode ocasionar a pulverização desses papéis (p. 17), considerando que esse “novo suporte do texto permite usos, manuseios e intervenções do leitor infinitamente mais numerosos e mais livres do que qualquer uma das formas antigas do livro (p. 88)”. Sobre a leitura em ambientes digitais, Chartier (1999) declara que

o fluxo sequencial do texto na tela, a continuidade que lhe é dada, o fato de que suas fronteiras não são mais tão radicalmente visíveis, como no livro que encerra, no interior de sua encadernação ou capa, o texto que ele carrega, a possibilidade para o leitor de embaralhar, de entrecruzar, de reunir textos que são inscritos na mesma memória eletrônica: todos esses traços indicam que a revolução do livro eletrônico é uma revolução nas estruturas do suporte material do escrito assim como nas maneiras de ler (p. 13).

Tendo isso em vista, abordaremos, na próxima subseção, as instigações inspiradas pela leitura na era digital.

Os desafios da leitura na era digital

A neurocientista norte-americana Maryanne Wolf afirma que “múltiplas operações [...] acontecem simultaneamente no cérebro leitor cada vez que lemos uma única palavra” (p. 30), embora o ato de ler não seja “nem natural, nem inato; muito pelo contrário, é uma invenção não natural e cultural que existe, se tanto, há seis mil anos”, que ocorre graças a “habilidade quase milagrosa do cérebro de ultrapassar seus limites para desenvolver funções novas” (WOLF, 2019, p. 26). Compartilhamos a visão de Teixeira e Costa (2016, p. 15) quando as autoras reforçam que “a importância da leitura e os seus efeitos positivos são ressaltados por educadores, bibliotecários e pesquisadores”. Ainda de acordo com essas pesquisadoras,

[n]a maioria dos casos, no entanto, a descoberta do universo da leitura não se dá de forma integralmente autônoma. O contato com leitores experientes ou/e assíduos (familiares, amigos, professores, bibliotecários etc.) favorece a construção do gosto ou/e da prática da leitura (TEIXEIRA; COSTA, 2016, p. 15).

Nesse contexto, dissemina-se que, no século XXI, as classes mais jovens se afastam da leitura. Sobre isso, Chartier (1999, p. 103) nos alerta que “aqueles que são considerados não leitores leem, mas leem coisa diferente daquilo que o cânone escolar define como uma leitura legítima”. O autor advoga que o texto eletrônico nos propiciou algo até então inédito na história: podemos ter o texto, a imagem e o som conservados e transmitidos no mesmo suporte (p. 134). Com esse tipo de texto, o autor ratifica que o antigo sonho da humanidade de possuir uma biblioteca universal torna-se possível, sem a necessidade de termos todos os livros já escritos reunidos em um único lugar (p. 117). Contudo, Chartier (1999) afirma que “ler um texto em um banco de dados eletrônico e ler o mesmo texto impresso não é a mesma experiência” (CHARTIER, 1999, p. 128). Gnerre (2009, p. 54) vai ao encontro do que está sendo discutido ao defender que “especialmente com relação ao livro impresso existe uma distância incalculável entre o produtor do texto, o escritor e o leitor”, distância essa que desaparece nos textos digitais.

Partindo desse pressuposto, Wolf (2019) assegura ser possível educar as crianças para que sejam duplamente letradas, tanto em livros impressos quanto em leitura digital, uma vez que

*[o]s seres humanos não nasceram para ler. A aquisição do letramento é uma das façanhas epigenéticas mais importantes do *Homo sapiens*. Até onde sabemos, nenhuma outra espécie realizou essa façanha. O ato de ler acrescentou um circuito inteiramente novo ao repertório do nosso cérebro de homínídeos (WOLF, 2019, p. 9, grifos da autora).*

A autora ainda nos alerta que é inegável que “a qualidade da atenção mudou à medida que lê mais e mais em telas e recursos digitais” (WOLF, 2019, p. 10) e revela que

[o] circuito do cérebro leitor é inerentemente maleável (ou seja, passível de mudar conforme a leitura) e é influenciado por alguns fatores ambientais chave, a saber: **aquilo que lê** (tanto o sistema de escrita particular como o conteúdo), **como ele lê** (a mídia particular, por exemplo, o impresso ou a tela e seus efeitos sobre o modo de ler) e **como é formado** (métodos de instrução). O ponto crucial da questão é que a plasticidade do cérebro nos permite formar não só circuitos cada vez mais sofisticados e expandidos, mas também circuitos cada vez menos sofisticados, dependendo dos fatores ambientais (WOLF, 2019, p. 29, grifos da autora).

Ademais, a pesquisadora expõe que os processos de leitura profunda levam anos para se formar, informando-nos que precisamos estar atentos para seu desenvolvimento em nossos jovens (WOLF, 2019, p. 52). Na próxima seção, trataremos da nossa concepção de letramento literário, sob a ótica de Paulino e Cosson (2009) e Cosson (2011; 2019).

Concepção de Letramento Literário

Considerando as diversas práticas sociais de leitura e escrita e o surgimento de diversos modos de integração de sentidos realizados a partir de “outros tipos de textos e tecnologias: pintura, literatura, filme, televisão, computador e telecomunicações” (GEE, 1996, p. 143), surgiu o termo **letramentos**, no plural, que abrange uma expansão dessas práticas e compõe vários tipos de letramentos, dentre eles o letramento literário.

Conforme elucidam Cosson e Paulino (2009), o letramento literário, entendido como “o processo de apropriação da literatura enquanto construção literária de sentidos” (PAULINO; COSSON, 2009, p. 67), é um tipo de letramento singular, pois é marcado por uma relação diferenciada com a escrita: “O letramento feito com os textos literários proporciona um modo privilegiado de inserção no mundo da escrita, posto que conduz ao domínio da palavra a partir dela mesma” (COSSON, 2011, p. 282). Através desse trabalho singular com a palavra, o texto literário, a partir da interação com o leitor, provoca

reflexões, debates, ressignificações e transformações. Segundo corrobora Fernandes (2011):

A literatura é apontada como uma das modalidades mais ricas da fantasia. Todavia, para o autor, a fantasia está vinculada à realidade, relacionada ao mundo concreto que é integrado e transformado pela criação literária e, por isso, as criações ficcionais podem atuar como uma força poderosa na formação das crianças e dos adolescentes (p. 324).

Segundo Cosson e Paulino (2009), a concepção de letramento literário como processo refere-se, conforme destaca Cosson (2019, p. 25), a “um fenômeno dinâmico, que não se encerra em um saber ou prática delimitada a um momento específico”. A apropriação da literatura constitui-se um processo constante na vida do leitor, que tem sua formação e repertório construídos ao longo da vida. Nesse contexto, veremos na próxima subseção considerações importantes sobre o Letramento Literário em ambiente digital.

Letramento Literário em ambiente digital

O Professor Wilson Leffa, no prefácio da obra “Paulo Freire hoje na Cibercultura”, expõe que

[n]enhum recurso da atualidade é mais inclusivo do que a tecnologia, principalmente em relação aos dispositivos móveis: praticamente todos os jovens têm atualmente seus smartphones, um dispositivo de poder computacional várias vezes superior à soma de todos os computadores usados pela NASA para levar o homem à lua (COSTA *et al.*, 2020, p. 12).

Com o advento da *Web 2.0*, outras formas de interação permeiam as relações humanas na atualidade. Apontada por Lévy (1999) como uma rede que interconecta o mundo inteiro, a Internet vem modificando as diversas práticas de leitura e escrita presentes em nossa sociedade, permitindo aos seus usuários uma constante imersão no mundo digital. As obras literárias, a partir de tais mudanças, valem-se atualmente de vários recursos digitais como as bibliotecas virtuais e redes sociais⁴, que conectam vários tipos de leitores. Diante das mudanças provocadas pelo surgimento da *Web 2.0*, até os

⁴ O *Skoob* é um exemplo de rede social para leitores. Foi lançado em 2009 por Lindenberg Moreira. Nessa rede social, os leitores trocam informações sobre as leituras, sugerem obras literárias e marcam eventos literários. O nome da rede social é a palavra *books* (livros) ao contrário.

modos de ler mudaram. Santaella (2012) apresenta o leitor ubíquo, um tipo de leitor marcado pela interatividade das redes e “pela ideia de estar sempre presente em qualquer tempo e lugar” (SANTAELLA, 2012, p. 35).

O letramento literário em ambiente digital é composto por marcas características desse meio, são essas:

Fragmentação tal como possibilitada pelo hipertexto; a interação, que aproxima o texto literário do jogo e da criação conjunta, apagando ou tornando menos nítidas as posições de leitor e autor; a construção textual em camadas superpostas e multimodais, como resultado da exploração dos muitos recursos disponibilizados pelo meio digital (COSSON, 2019, p. 18).

As marcas mencionadas acima ressaltam uma literatura constitutivamente híbrida (COSSON, 2019) que traça novos caminhos para o letramento literário, novas contribuições para a formação de uma comunidade de leitores e novas formas de mediar e incentivar a leitura literária.

Sendo assim, o meio digital também pode se constituir um espaço de promoção do letramento literário e de formação de leitores, sobretudo os novos leitores, denominados por Prensky (2001) como nativos digitais, pois já nascem imersos na era digital e, desde muito cedo, estabelecem um contato mais próximo com as novas tecnologias. Cosson (2019) vê a Internet como um oásis para a literatura, pois

[o] leitor interessado pode percorrer portais nos quais há páginas dedicadas a determinados autores e suas obras e páginas pessoais de autores vivos, jornais de poesias e revistas de contos que reúnem textos de autores consagrados com autores iniciantes. Também pode encontrar sítios dedicados a uma única obra com suas várias versões ou traduções [...]. Há blogs com transcrições de poemas ou que servem de vitrine para autores e experimentações de todos os gêneros e estilos [...] (COSSON, 2019, p. 20, supressões nossas).

O autor cita ainda os ambientes digitais que promovem o letramento literário, criados para homenagear autores, apresentar obras ou estilos literários. Essas comunidades são comuns atualmente e mais adiante discutiremos sobre uma delas: a comunidade dos *booktubers*. Na próxima seção, descreveremos a metodologia utilizada.

Percurso metodológico

No Brasil, muitos *booktubers* têm ganhado espaço após despertarem e incentivarem milhares de seguidores para o hábito da leitura. Por essa razão, consideramos relevante elaborar um estudo científico voltado para o perfil desses *booktubers*, visto o impacto que eles têm na vida dos leitores.

Nessa perspectiva, a metodologia desta pesquisa foi predominantemente qualitativa, com traços quantitativos. Kauark, Manhães e Medeiros (2010, p. 27) acreditam que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito na pesquisa qualitativa: “O ambiente natural é a fonte direta para coleta de dados e o pesquisador é o instrumento-chave. É descritiva. Os pesquisadores tendem a analisar seus dados indutivamente. O processo e seu significado são os focos principais de abordagem”. Por sua vez, Yin (2016, p. 29) lista que uma das principais características das pesquisas qualitativas é “contribuir com revelações sobre conceitos existentes ou emergentes que podem ajudar a explicar o comportamento social humano”. O mesmo autor ressalta que

a pesquisa qualitativa procura coletar, integrar e apresentar dados de diversas fontes de evidência como parte de qualquer estudo. A variedade provavelmente será uma decorrência de você ter que estudar um ambiente da vida real e seus participantes. A complexidade do ambiente de campo e a diversidade de seus participantes provavelmente justificam o uso de entrevistas e observações e mesmo a inspeção de documentos e artefatos. As conclusões do estudo tendem a se basear na triangulação dos dados das diversas fontes. Essa convergência aumentará a credibilidade e confiabilidade do estudo (YIN, 2016, p. 31).

O critério utilizado para selecionar os três *booktubers* mais conhecidos do país foi o número de seguidores de seus respectivos canais na plataforma YouTube. A consulta a esses canais foi realizada em maio de 2020 e, como critério para a nossa observação, escolhemos os três vídeos mais recentes de cada *booktuber*. Em nossa análise, descrevemos a faixa etária e a formação acadêmica dos *booktubers*, assim como o tempo de existência do canal, a frequência das postagens, as possíveis parcerias com editoras e livrarias, as estratégias de interação para a abordagem das obras literárias e os principais gêneros trabalhados por eles.

Resultados e discussão

Destacamos que, para nossa pesquisa, fomos inspiradas pelos critérios elencados por Teixeira e Costa (2016) na análise delas. Na primeira subseção, trataremos dos *booktubers*.

Os *Booktubers*

Produtos diretos da *Web 2.0*, os *booktubers* têm influenciado o letramento literário dos brasileiros. Nas subseções a seguir, descreveremos algumas informações pessoais que encontramos em suas redes sociais (em particular, a faixa etária e a formação acadêmica), o perfil dos três maiores canais de *booktubers* do Brasil (o surgimento, a frequência das postagens, as possíveis parcerias com editoras e/ou livrarias, as estratégias de interação para a abordagem das obras literárias) e os principais gêneros trabalhados por eles.

Quem são?

A *Web 2.0* marcou uma conexão dos usuários realizada através da produção de conteúdo. Os usuários da rede, além de consumidores, também são produtores. Conforme contribui Pinheiro (2014, p. 143), a *Web 2.0* é a *Web* “dos sítios (*sites*) estáticos da rede, que apenas servia informação, passou-se para o desenvolvimento de comunidades dinâmicas, inseridas em uma interação entre editor e audiência”. A partir desse contexto de produção, surgem inúmeros ambientes digitais que servem de espaço para a publicação e a divulgação de diversos conteúdos produzidos.

A exemplo desses ambientes de produção, o YouTube, que é uma plataforma de compartilhamento de vídeos, tornou-se um ambiente de incentivo à leitura através do trabalho de pessoas que apresentam em seus vídeos livros de vários gêneros, constroem resenhas desses livros, compartilham suas experiências com a leitura e, assim, acabam incentivando muitas pessoas que acessam o conteúdo disponibilizado, contribuindo para a formação leitora de várias delas. Esses são os *booktubers*, que, como a combinação do próprio nome sugere, são pessoas que produzem conteúdos sobre livros (literatura) e

disponibilizam no YouTube⁵. Teixeira e Costa (2016, p. 13) definem *booktubers* como “jovens que utilizam o YouTube para compartilhar informações sobre livros e interagir com outros leitores”. As autoras ainda apontam que

compõem esse movimento leitores assíduos produtores de conteúdo audiovisual e conectados à Internet que compartilham sinopses, resenhas, opiniões sobre livros, utilizando estratégias e recursos que acabam por incentivar a leitura e ampliar o público de seguidores de seus canais literários (TEIXEIRA; COSTA, 2016, p. 14).

É válido atentar para o fato que não há critérios para idade dos participantes dessas comunidades, embora, em sua maioria, o público seja de adolescentes e jovens (TEIXEIRA; COSTA, 2016, p. 21). Os conteúdos trabalhados pelos *booktubers* são variados, desde a apresentação de obras e resenhas, como já mencionado acima, até discussões promovidas pela interação entre produtores e usuários. Teixeira e Costa (2016, p. 13) reforçam que a atuação dos *booktubers* é adaptada às “novas maneiras de elaboração, criação e organização possibilitadas pela Internet”. Segundo as pesquisadoras

[a] interação entre as pessoas e o compartilhamento de ideias ocorrem desde o início das sociedades humanas. Entretanto, no século XXI, tais atividades podem partir de experiências não-virtuais e ganhar contornos virtuais no ciberespaço (TEIXEIRA; COSTA, 2016, p. 14).

Vejamos, na próxima subseção, os perfis dos canais “Bel Rodrigues: livros, cinema, criminologia” (<https://www.youtube.com/channel/UCb1prWGqxoIUdIHr6ymRQOw>), “Ler Antes de Morrer” (<https://www.youtube.com/channel/UCTubbc8ei3JfOBbicSJYPfQ>) e “tatianagfeltrin” (<https://www.youtube.com/user/tatianagfeltrin/featured>).

Perfil dos três maiores canais de *booktubers* do Brasil

De acordo com os critérios de análise estabelecidos em nossa pesquisa, analisamos os perfis das *booktubers* Bel Rodrigues, catarinense de 26 anos, cujo canal “Bel Rodrigues: livros, cinema, criminologia”, criado em 2013, conta com 754 mil inscritos; Isabella Lubrano, paulista de 30 anos, cujo canal “Ler Antes de Morrer”, criado em 2014,

⁵ Teixeira e Costa (2016, p. 21) indicam que o título convencional para o produtor de vídeos dessa plataforma é *youtuber*.

conta com 427 mil inscritos; e Tatiana Feltrin, paulista de 39 anos, cujo canal “tatianagfeltrin”, criado em 2007, conta com 410 mil inscritos.

Quanto à formação acadêmica dessas *booktubers*, conforme as informações que coletamos nos canais e nas redes sociais das pesquisadas, todas possuem nível superior. As áreas de formação delas são: Comunicação Social, Jornalismo e Letras, respectivamente. Pudemos perceber que as áreas de formação das *booktubers* justificam, de certa maneira, a forma como tratam do incentivo à leitura e a comunicação que estabelecem através da produção de conteúdo em seus vídeos.

Conforme observamos nos canais de cada uma, os vídeos são postados semanalmente, de uma a três vezes por semana. Há uma regularidade na frequência dos vídeos, mostrando-nos a variedade de conteúdos produzidos ao longo dos anos sobre suas experiências e impressões acerca das obras literárias lidas.

Quanto à abordagem das obras literárias, vamos começar analisando o que percebemos em comum nas três *booktubers*, para posteriormente salientarmos o que há de específico em cada uma. Em linhas gerais, as três *booktubers* seguem um padrão nas abordagens das obras lidas: inicialmente, há a apresentação da obra e do autor; uma exposição do resumo, uma contextualização do enredo através da leitura de trechos das obras e as principais impressões proporcionadas pela experiência com a leitura.

Além do padrão na abordagem, outro ponto em comum que podemos indicar é a interação com os internautas. Em cada vídeo observado, as *booktubers* interagem com o público através de questionamentos feitos nos vídeos, dicas de leitura e trocas de opiniões sobre as obras nos comentários do canal. Ratificamos que a troca de opiniões, debates e visões diversas sobre as obras lidas amplifica o repertório do leitor e contribui para a sua formação. Por isso, consideramos essa interação fundamental para promover o letramento literário em ambiente digital.

Sobre as características específicas de abordagem que encontramos em cada *booktuber*, estão a predominância de alguns gêneros, que trataremos na subseção seguinte, e os projetos de leitura coletiva que as pesquisadas fazem com o seu público. No canal de Bel Rodrigues, em um dos vídeos observados, ao final da resenha do livro “Crimes ABC”, de Agatha Christie, a *booktuber* propõe ao seu público uma espécie de Clube do Livro das obras da autora. Ao ler os comentários postados sobre o vídeo, observamos a empolgação dos internautas acerca da sugestão do clube de leitura. Outra

predominante característica dessa *booktuber* são as referências feitas em seus vídeos a outras obras literárias. Por exemplo, ao apresentar a obra “A última festa”, de Lucy Foley, Bel Rodrigues cita outras duas autoras que trabalham o mesmo gênero e constroem a narrativa de forma similar.

Ao citar outros autores, inferimos que a *booktuber* pesquisada gera em seu público, sobretudo os que leram e gostaram da obra apresentada no vídeo, curiosidade sobre as obras mencionadas. Acreditamos ser essa curiosidade um possível caminho para outras leituras e, assim, para a ampliação do repertório do leitor.

Quanto à parceria com editoras e livrarias, Bel já publicou dois livros pela Grupo Editorial Record: “13 segundos” (publicação solo na qual ela aborda como o machismo pode, em apenas 13 segundos, mudar completamente a vida de uma garota) e “Amor nos tempos de #likes” (coletânea na qual quatro grandes *booktubers* - Bel é uma delas - se unem para reinventar contos românticos na era digital).

Além disso, a *booktuber* propõe que os inscritos no seu canal se tornem membros (<http://bit.ly/ClubinhoBel>) por R\$ 7,99 por mês, um incentivo para que ela continue produzindo conteúdo. Entre os benefícios para assinantes, estão: a) selos de fidelidade ao lado do nome do membro em comentários e no *chat* ao vivo; b) emojis personalizados para serem usados no *chat* ao vivo; c) *posts* exclusivos ou *lives* sobre algum livro/filme/seriado comentado em vídeo no canal; d) frases exclusivas, poemas, sinopse; e) acesso ao *chat* exclusivo dos membros.

No canal “Ler antes de morrer”, de Isabella Lubrano, pudemos observar a orientação de leitura coletiva organizada pela *booktuber*. A partir de algumas propostas de leituras apresentadas, o público leitor vota em qual livro prefere ler e o livro que tiver maior preferência será lido. Além disso, a *booktuber* organiza um planejamento de leitura com a divisão de capítulos que devem ser lidos em cada dia. Ressaltamos que, de acordo com o que observamos nos comentários do canal, muitos seguem a recomendação de leitura coletiva e compartilham suas experiências com a obra. Isso reitera o que já refletimos anteriormente sobre a importância dessa interação para a formação leitora.

Algumas leituras, porém, surpreendem a *booktuber* quanto ao grau de complexidade. Por exemplo, ao propor a obra “Orlando”, de Virgínia Woolf, a pesquisada afirma ter se surpreendido com a complexidade da obra, opinião comum também entre

os seus inscritos. No entanto, ela salienta que esses livros desafiadores não devem ser esquecidos, mas guardados na estante para uma futura “reconciliação” com a obra.

Por fim, outro aspecto que nos chama atenção no canal de Isabella é o uso de ferramentas interativas para contextualizar as obras abordadas. Ao apresentar o romance histórico “Memorial do Convento”, de José Saramago, a *booktuber* faz uma gravação mostrando, em detalhes, através da ferramenta do *Google Maps*, o convento em que se passa a história. Consideramos ser essa uma estratégia eficaz que, certamente, gera curiosidade ao público que ainda não leu a obra e satisfação para aqueles que leram, mas não tiveram a experiência de visualizar o ambiente em que se passa a narrativa.

Isabella é uma dos dezoito curadores do Clube de Leitura Bux Club (https://www.buxclub.com.br/loja?nome_curador=Isabella%20Lubrano), no qual o (a) curador (a) acompanha o (a) fã-leitor (a) durante um ano, contando o que mais gostaram em cada livro selecionado. No kit proposto, o assinante recebe, além do livro escolhido pela Isabella, um marcador de página, um encarte com os motivos que levaram a *booktuber* a eleger o livro em questão e um “memo” (uma mistura de mimo e memorabilia) exclusivo e colecionável por R\$ 59,90 mensais, adicionado ao valor do frete.

A *booktuber* também tem parcerias com livrarias, como a Amazon, a Saraiva e a Livraria Cultura, que repassam uma pequena comissão para o canal quando um usuário compra livros usando os *links* que Isabella disponibiliza na descrição dos vídeos. Quando acessamos o canal dela, havia um *link* para os Livros Mais Vendidos de 2019 com até 40% de desconto na Amazon: <https://amzn.to/396MRxV>. Isabela também está inscrita no Padrim (<https://www.padrim.com.br/lerantesdemorrer>) objetivando viabilizar mais uma forma de financiamento para dar continuidade ao projeto desenvolvido em seu canal (ler e resenhar 1001 livros ou morrer tentando) e investir em seu crescimento constante.

Por sua vez, pudemos notar no canal da *booktuber* Tatiana Feltrin mais uma proposta de leitura coletiva, dessa vez em forma de desafio. Nomeado como “Desafio dos doze livros em 2020”, Tatiana promove uma leitura para cada mês do ano. Assim como na proposta de Isabella Lubrano, há, nesse desafio, um planejamento de leitura construído pela *booktuber*. Destacamos que, nessa proposta de leitura, o público também escolhe, através de uma votação, a obra que será lida. Ao longo das leituras das obras propostas no desafio, a *booktuber* trata de algumas impressões sobre a leitura em andamento, impressões essas compartilhadas também pelo público leitor. Observamos

isso em um dos vídeos analisados quando a *booktuber* expressa em linhas gerais sua experiência inicial com a obra proposta para o mês de maio: “As Benevolentes”, de Jonathan Littel.

Em nossa análise sobre o canal de Tatiana Feltrin, pudemos perceber a recorrente leitura de trechos das obras apresentadas. A *booktuber* não apenas comenta sobre os enredos, mas também faz a leitura de trechos das obras (um hábito mais constante nesse canal do que nos outros observados). Acreditamos que a leitura de alguns trechos contribui para, além de contextualizar a obra, provocar a curiosidade daqueles que ainda não leram o livro ou leram e gostariam de ter novas experiências, visto que a leitura dos fragmentos vem sempre acompanhada da opinião e própria experiência da *booktuber* com a leitura da obra.

Tatiana possui uma parceria com a Amazon (<https://www.amazon.com.br/b?ie=UTF8&node=19466876011>) através do “Cantinho *Tiny Little Things*”, no qual ela resenha e indica livros. Quando acessamos o canal dela, havia um cupom de desconto de 10% para qualquer livro da lista.

Na próxima subseção, discutiremos os principais gêneros abordados por cada uma das *booktubers* em seus respectivos canais.

Principais gêneros trabalhados pelas *booktubers*

Uma importante característica que particulariza cada canal observado são os gêneros trabalhados por cada *booktuber*. Nos três canais analisados, percebemos a predominância de alguns gêneros, revelando assim a predileção de cada *booktuber* pesquisada.

Atestamos, no canal de Bel Rodrigues, uma predominância de livros do gênero **suspense** da literatura estrangeira. Nos três vídeos analisados, as obras do gênero **ficção policial** e **suspense** são da literatura inglesa e/ou norte-americana.

Em contrapartida, o gênero **romance histórico** é predominante nas leituras apresentadas e propostas por Isabella Lubrano em seu canal. Nos três vídeos observados, todos são desse gênero, sendo um da literatura brasileira e os outros dois da literatura portuguesa e inglesa. Apesar de ler gêneros variados, em um dos vídeos analisados, a *booktuber* revela sua predileção por romances históricos.

Por outro lado, no canal de Tatiana Feltrin, encontramos majoritariamente o gênero **relato histórico**. Nos vídeos analisados, dois dos livros pertenciam a esse gênero, sendo todos da literatura estrangeira, respectivamente da literatura austríaca, colombiana e alemã.

Em nossa investigação, pudemos notar a particularidade de cada canal de acordo com o gênero mais trabalhado. Explicitados ou não, a predominância de certos gêneros, como já dissemos, revela a identidade das leitoras pesquisadas, suas predileções e, conseqüentemente, a identidade do canal literário, que, como pudemos observar pelo número crescente de inscritos, tem agregado uma grande comunidade de leitores. Assim como Teixeira e Costa (2016) expuseram, confirmamos que, nos últimos momentos dos vídeos, as *booktubers* normalmente convidam o espectador a avaliar o vídeo, através da ferramenta *like* ou *dislike*, e a comentá-lo, além de pedir para adicioná-las em outras redes sociais e, em alguns casos, solicitam sugestões de livros.

Na próxima subseção, trataremos das nossas ponderações acerca da pesquisa que realizamos

Considerações finais

Corroboramos com a visão de Puchner (2019, p. 70) quando o autor declara que “a escrita criou a história”. O autor prossegue, abordando um aprendizado importante acerca da literatura que nos foi propiciado pela História:

a sobrevivência só pode ser garantida pelo uso contínuo. [...] a literatura precisa ser usada por todas as gerações. Excessivamente impressionado com a resistência da escrita, o mundo esqueceu que tudo está sujeito ao esquecimento, até mesmo a escrita (PUCHNER, 2019, p. 69, supressão nossa).

Quanto ao futuro dos livros e da literatura, concordamos com Chartier (1999), que defende que precisamos evitar tanto a “nostalgia conservadora” como a “utopia ingênua”: afinal, desde a época do manuscrito existem a “distribuição do texto na superfície da página, os instrumentos que lhe permitem as identificações (paginação, numerações), os índices e os sumários” (CHARTIER, 1999, p. 8). O autor ainda nos lembra que “entre o fim da Idade Média e o século XIX, o livro, onipresente, estava ligado à força da mensagem sagrada” (CHARTIER, 1999, p. 85). Segundo o mesmo autor, o

leitor do século XXI compartilha similaridades com o leitor da Antiguidade, uma vez que o texto que ambos leem corre diante de seus olhos, assim como divide afinidades com o leitor medieval e com o leitor do livro impresso, que têm a sua disposição referências como a paginação, o índice e o recorte do texto (CHARTIER, 1999, p. 13).

Por sua vez, reiteramos o posicionamento de Teixeira e Costa (2016, p. 15) quando tratam da importância do cuidado com o caminho de chegada à leitura, uma vez que ele “é essencial para a formação leitora, que se constrói por diferentes tipos de estratégias”. Advogamos ainda a favor da definição de letramento literário apresentada por Paulino e Cosson (2009, p. 67) como “o processo de apropriação da literatura enquanto construção literária de sentidos”. Com o surgimento das inúmeras plataformas digitais advindas da Web 2.0, essa apropriação da literatura migrou para o meio digital, modificando as práticas de mediação, interação e fomento à leitura. Dessa forma, conforme discutido ao longo deste artigo, o ambiente digital tem se tornado um espaço que promove o letramento literário.

O trabalho dos *booktubers* exemplifica essas novas práticas letradas que emergem do contexto digital. Como atestamos a partir da constante interação nos canais que analisamos, através das leituras coletivas propostas e realizadas por uma considerável parte do público, do fomento à leitura promovido pelas pesquisadas e do crescente número de inscritos nesses canais, esses ambientes digitais são potenciais ambientes de promoção do letramento literário em sua comunidade de leitores.

Chartier (1999, p. 104) assevera que “é preciso utilizar aquilo que a norma escolar rejeita como um suporte para dar acesso à leitura na sua plenitude”. Portanto, esperamos que, com a realização desta pesquisa, tenhamos reforçado a relevância ao trabalho desenvolvido por esses profissionais para o letramento literário em ambiente digital.

Referências

AMAZON. **Amazon Serviços de Varejo do Brasil Ltda**, c2020. Livros mais vendidos. Disponível em: <https://amzn.to/396MRxV>. Acesso em: 16 mai. 2020.

BUX CLUB. **Edições anteriores**, c2019. Curadora Isabela Lubrano. Disponível em: https://www.buxclub.com.br/loja?nome_curador=Isabella%20Lubrano. Acesso em: 16 mai. 2020.

CHARTIER, R. **A aventura do livro**: do leitor ao navegador. Tradução: Reginaldo de Moraes. São Paulo: Editora UNESP, 1999.

COSSON, R. A prática de letramento literário na sala de aula. *In*: GONÇALVES, Adair Vieira; PINHEIRO, Alexandra Santos [Org]. **Nas trilhas do letramento**: entre teoria, prática e formação docente. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2011.

COSSON, R. **Círculos de leitura e letramento literário**. 1 ed., 3ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2019.

COSTA, A. R.; BEVILÁQUA, A. F. ; KIELING, H. S. ; FIALHO, V. R. **Paulo Freire hoje na Cibercultura**. Porto Alegre: Editora CirKula, 2020. 104p.

DIVISÃO da história. **Educa Mais Brasil**, 2020. Disponível em: <https://www.educamaisbrasil.com.br/enem/historia/divisao-da-historia>. Acesso em: 01 de mai. de 2020.

FELTRIN, T. **Amazon Serviços de Varejo do Brasil Ltda**, c2020. Cantinho Tiny Little Things. Disponível em: <https://www.amazon.com.br/b?ie=UTF8&node=19466876011>. Acesso em: 16 mai. 2020.

FELTRIN, T. tatianagfeltrin. **YouTube**, 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/user/tatianagfeltrin/featured>. Acesso em: 9 mai. 2020.

FERNANDES, C. R. D. Letramento Literário no contexto escolar. *In*: GONÇALVES, Adair Vieira; PINHEIRO, Alexandra Santos [Org]. **Nas trilhas do letramento**: entre teoria, prática e formação docente. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2011.

GEE, J. P. **Social linguistics and literacies**: ideology in discourses. 2 ed. London: Taylor & Francis, 1996.

GNERRE, Maurício. **Linguagem, escrita e poder**. 5ª ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.

KAUARK, F.; MANHÃES, F. C.; MEDEIROS, C. H. **Metodologia da pesquisa**: guia prático. – Itabuna: Via Litterarum, 2010.

LÉVY, P. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

LUBRANO, . Ler Antes de Morrer. **YouTube**, 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UCTubbc8ei3JfOBbicSJYPfQ>. Acesso em: 11 mai. 2020.

LUBRANO, I. **Padrim**, c2017. Ler Antes de Morrer. Disponível em: <https://www.padrim.com.br/lerantesdemorrer>. Acesso em: 16 mai. 2020.

PAULINO, G; COSSON, R. Letramento Literário: para viver a literatura dentro e fora da escola. *In*: ZILBERMAN, Regina; RÖSING, Tania Mariza Kuchenbecker [orgs.]. **Escola e Literatura: velha crise; novas alternativas**. São Paulo: Global, 2009.

PINHEIRO, P. A. A era do Multissinóptico: Que (novos) letramentos estão em jogo? **Educação em Revista**. Belo Horizonte. v. 3, n. 02, p. 137-160. Abril-Junho 2014.

PRENSKY, M. **Nativos Digitais, Imigrantes Digitais**. NCB University Press, Vol. 9 N°. 5, outubro, 2001.

PUCHNER, M. **O mundo da escrita: como a literatura transformou a civilização**. Tradução: Pedro Maia Soares. 1ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

RODRIGUES, B. Bel Rodrigues: livros, cinema, criminologia. **YouTube**, 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UCb1prWGgxoIUdHr6ymRQOw>. Acesso em: 11 mai. 2020.

RODRIGUES, B. Seja membro deste canal. **YouTube**, 2020. Disponível em: <http://bit.ly/ClubinhoBel>. Acesso em: 17 mai. 2020.

SANTAELLA, L. **O leitor ubíquo e suas consequências para a educação**. Campinas, SP: Revista Ensino Superior, 2012.

TEIXEIRA, C. S; COSTA, A. A. Movimento *booktubers*: práticas emergentes de mediação de leitura. **Texto Livre: Linguagem e Tecnologia**. Belo Horizonte, v. 9, n. 2, p. 13-31, jul.-dez. 2016.

WOLF, M. **O cérebro no mundo digital: os desafios da leitura na nossa era**. Tradução de Rodolfo Ilari e Mayumi Ilari. São Paulo: Contexto, 2019.

YIN, R. **Pesquisa qualitativa do início ao fim** [recurso eletrônico]. Tradução: Daniel Bueno. Porto Alegre: Penso, 2016.

Recebido em 28 de agosto de 2020
Aprovado em 08 de dezembro de 2020